

**Paisagem
Concreta.** De
João Saldanha



CONQUISTAS PARA FESTEJAR

Helena Katz

ESPECIAL PARA O ESTADO

Os dois mais importantes festivais de dança do Brasil comemoram conquistas importantes em 2011. O FID-Fórum Internacional de Dança, que ocorre em Belo Horizonte, criado por Adriana Banana, artista da dança, e Carla Lobo, produtora, faz 15 anos. E no Rio, o Festival Panorama, que nasceu de uma iniciativa de Lia Rodrigues, também artista da dança, e hoje é dirigido por Nayse Lopez, jornalista, e Eduardo Bonito, produtor, completa 20.

Cada um do seu jeito mudou a história da dança na sua cidade, no Brasil, e a situação do nosso País no circuito internacional da dança contemporânea. Ou seja, há bons motivos para comemorar.

O FID-Fórum Internacional de Dança foi ainda mais longe, pois foi o evento que mudou a cara dos festivais de dança no Brasil quando recusou o papel de ser somente uma vitrine anual de espetáculos, passando a programar-se durante todo o ano. A mudança foi tão estrutural que o fez abandonar o nome de festival e substituí-lo pelo de fórum.

Para atuar mais diretamente nos problemas que dificultavam o florescimento da dança contemporânea em Minas Gerais, desdobrou-se em projetos da maior relevância. Dentre eles, estão, por exemplo, o FIDinho (um segmento do FID para a dança feita para criança), o Circulando BH (oportunidade para atingir outros públicos), o projeto ZAT (Zonas Autônomas Temporárias), na oitava edição, uma residência entre artistas locais e convidados) e o Território Minas, iniciativa que se revelou fundamental para consolidar a produção mineira de dança contemporânea.

O Território Minas começou em 1998, a partir do diagnóstico de que sem uma ação mais pontual não seria possível fomentar, de fato, a dança local. O FID passou, então, a oferecer bolsas de pesquisa e oficinas para grupos mineiros, que se transfor-

mavam na coprodução de suas obras. Com essa atuação ampliada, o FID inscreveu Minas Gerais no mapa da dança contemporânea, no qual, até então, não tinha forte presença.

No seu momento de festival vitrine, chamado de Conexão InterNacional, e que no FID 2011 se encerra no dia 2, apresentam-se oito companhias do Brasil (Mário Nascimento, de BH; Jacqueline Gimenes, de BH; Denise Stutz e Felipe Ribeiro, do RJ; e Michele Moura, de Curitiba), Singapura (TheatreWorks), Holanda (Jefta Van Dinther), Bélgica (Rosas) e Marrocos (Cie. Anania/Taoufiq Izzediou) em 18 espetáculos, pois uma de suas características é a de educar as suas plateias, oferecendo a oportunidade de conhe-

cer mais de uma obra dos artistas que programa.

No seu título, O Corpo Que Vai, a Dança Que Fica, o FID 2011 reafirma seu compromisso em continuar a refletir sobre o eixo de suas últimas edições: a relação da memória da dança com uma possível museologia do corpo. Vale destacar tam-

bém a proposta editorial dos seus catálogos, que, ao longo dos anos, os transformou em pequenos livros com textos de artistas e pesquisadores,

em um formato editorial inovador. Trata-se de uma contribuição extremamente relevante em um país ainda muito carente de bibliografia em português sobre a dança.

Do orçamento de R\$ 1,5 milhão (um milhão e quinhentos

*
RETROSPECTIVA
RESSALTA VALOR DA
OBRA DE JOÃO
SALDANHA

Panorama (Rio) e Fórum (BH) consagram-se como as mais importantes mostras contemporâneas

mil reais), o festival mineiro conseguiu somente R\$ 910 mil, o que implicou cortes no projeto original do FID-15 anos. Seus ingressos custam R\$ 4 e R\$ 2, pois desde a primeira edição seu objetivo foi levar dança para todo mundo.

O mesmo objetivo guia o Festival Panorama desde a sua criação, em 1990. Foi em 2006 que Lia Rodrigues afastou-se e Nayse Lopez (que já atuava desde 2001 como curadora convidada) e Eduardo Bonito (que começou em 2004, também como curador convidado) assumiram o seu comando. De lá para cá, o Panorama agigantou-se a ponto de se tornar o maior festival de dança do País, com orçamento de R\$ 2,8 milhões (dois milhões e oitocentos mil reais), 71% maior do que o do ano passado.

De 4 a 20 de novembro, apresentará companhias (16 nacionais e 17 internacionais) de 16 países, que dançarão 40 espetá-

culos em 15 diferentes espaços da cidade do Rio, nas zonas sul, norte e oeste, centro, Baixada e também de São Gonçalo. Pela primeira vez, serão ocupados o Armazém Utopia, no Cais do Porto, e o Galpão Gamboa.

Este ano, o Panorama chega a Brasília, iniciando uma parceria com o Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB). Com a Secretaria Municipal de Cultura do Rio e a Companhia Ensaio Aberto, realiza, pela primeira vez, a Plataforma Carioca de Artes Cênicas, que envolve 12 espetáculos cariocas de circo, teatro e dança. Apresentados simultaneamente à programação do Panorama, o objetivo é atrair a atenção de curadores nacionais e internacionais para a produção cênica da cidade.

São muitas as atividades que o festival promove. Dentre elas, destaca-se o CoLaboratório, que terá uma versão compacta, de um mês, com dez jovens criadores de Brasília e os coreógrafos Jorge Alencar, de Salvador, e Denise Stutz e Frederico Paredes, do Rio. No Entrando na Dança, espetáculos são levados para bairros onde a dança contemporânea não circula. E no com. posições políticas, implantado por Isabel Ferreira e Eduardo Bonito em 2010, uma jornada ibero-americana de quatro dias de conversas e performances faz do corpo/ativismo político o seu assunto. E mais: o que começou sendo um espaço dedicado aos novíssimos, transformou-se na Mostra Universitária que, desta vez, testará um formato novo, mostrando somente grupos oficialmente ligados às três graduações de dança do Rio.

Em meio a tantas atividades distintas, seu aniversário de 20 anos não poderia ser melhor celebrado do que com a iniciativa de realizar uma retrospectiva de quatro obras do coreógrafo João Saldanha: *Paisagem Concreta*, *Núcleos*, *Qualquer Coisa a Gente Muda* e *Monocromos*. É uma oportunidade importante de não apenas celebrar o talento e a importância da produção de João Saldanha, mas sobretudo, de inscrevê-la na dimensão que lhe cabe.